

BOLSONARO FECHARIA A MAÇONARIA:

porquê maçons são *bolsonaristas*?

Prof. Me. Cídio Lopes de Almeida

*Doutorando em Ciências das Religiões
Faculdade Unida de Vitória
Bolsista FAPES*

A resenha objetiva coligir algumas ideias em torno do tema *bolsonarismo* e maçonaria. A pergunta problema que nos move é o aparente paradoxo da Maçonaria e dos maçons terem simpatia por um modelo de política de extrema direita, sendo ela uma genuína sociabilidade liberal democrática e vítima de variadas ditaduras como a de Franco na Espanha. Como ensaio, as ideias resenhadas ainda estão soltas. Encontram em estágio inicial para futuras sistematizações no contexto da pesquisa que estamos desenvolvendo sobre a Maçonaria enquanto fenômeno religioso baseado em Filosofia de Vida. O exercício ainda se insere na ideia de abordagem crítica do fenômeno maçonaria, pelo que as perguntas levantadas procuram fazer avançar as fronteiras de temas e reflexões às quais são interditas aos seus adeptos, mais engajados em exposições apologéticas do grupo que se faz parte. Tem-se o cuidado metodológico de colocar as questões para efeitos de comparação e não de atribuição de valor e aferimento de que tais características em comparação já sejam parte inerente do fenômeno maçonaria.

Um retrato do autoritarismo

Não é segredo que a maioria dos maçons são partidários de Bolsonaro e da vaga ideológica que este político representa, que pode ser estereotipada no ódio ao Partido dos Trabalhadores - PT e na percepção difusa de um inimigo comunista, causador dos constrangimentos cotidianos que todos enquanto viventes somos afetados. Deve-se ter no horizonte que este posicionamento não diz sobre a totalidade da Maçonaria brasileira. A título de exemplo, por ocasião dos atos golpistas de 08 de janeiro de 2023, ao acompanhar as notas sobre este tema publicadas nos *websites* dos três Grupos de Potências Maçônicas, podemos facilmente encontrar um retrato desta diversidade. Algumas organizações maçônicas, ditas pelos adeptos “Potências”, publicaram notas de repúdio dos atos. Algumas ficaram em silêncio ou optaram pela nota “ensaboador” da Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil – CMSB.

Sobre esta diversidade, ainda que seja uma vultosa maioria adepta ao *bolsonarismo*, ela pode ser verificada como mais detalhes na nota pública da Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil – CMSB. Organização que funciona como fórum de 25 Potência Maçônica

nos Estados Federados do Brasil. No referido documento, não se menciona a palavra “golpe”, e ao fazer a condenação não se menciona o contexto autoritária desta vaga, pelo contrário, “os atos públicos, tenha eles origem na expressão popular ou gênese nas instituições republicanas, devem estar invariavelmente alicerçados na democracia, na constitucionalidade e no respeito, com condutas pacíficas e ordeiras a fomentar a liberdade de expressão” (Nota CMSB).

Esta nota encontra seu fundamento no material pedagógico chamado de Rito Escocês Antigo e Aceito (REAA), no qual encontramos que na Maçonaria se “glorifica a verdade, o direito” (REAA). Base sobre a qual se constrói outro fundamento da Maçonaria que é a defesa da liberdade, nos mesmos moldes do que o tema ganha no liberalismo como corrente de pensamento e política.

A nota mostra-se ser algo a contragosto. O índice desta afirmação mostra-se a não condenação explícita dos atos. Tenta-se até mesmo indicar que as Instituições democráticas podem protestar contra a democracia. Sem mencionar que a Instituição em questão era basicamente o Exército e seu apoio aos acampamentos em suas áreas de segurança.

Na toada da diversidade, salutar e inerente ao fenômeno democrático que é a maçonaria, a Grande Loja Maçônica do Estado do Pará – GLEPA, foi noutra direção, em sua nota foi direta: “(...) assistiu apreensiva aos atentados terroristas(...) É inadmissível e deprimente que uma minoria antidemocrática e de viés facista, venha aterrorizar o País(...). Denunciamos, expressamente as condutas omissas e conivente de algumas autoridades públicas que tinham a obrigação oral e legal de reprimir o vil ataque aos poderes da República(...). Pelo que esta foto de uma maçonaria *bolsonarista*, nem todos se deixaram e deixam fotografar neste enquadramento e para tal, não se fez contorcionismo. Buscou-se nos próprios princípios maçônicos tal baliza. O que podemos notar em total ausência na nota da CMSB.

Para além de verificar esta dileção por Bolsonaro, no âmbito deste ensaio, complementa este retrato de uma parte majoritária da Maçonaria e dos maçons um outro fato. Na historiografia dos adeptos, é bem conhecido o fato de que *Dom Pedro I do Brasil*, com o nome iniciático *Guatimozim*, tornou-se maçom (1822), para dias depois, já na posição de Grão, fechar toda a maçonaria brasileira. Este fato ressurgiu aqui na medida em que em nossos dias misturou-se ao *bolsonarismo* os adeptos do retorno da monarquia brasileira, representado pela figura de *Luiz Philipe de Orléans e Brangaça*, atualmente deputado federal por São Paulo e do Partido Liberal. Compondo-se com outros indivíduos proeminentes a constelação de interesses políticos que tem sido chamada de *bolsonarismo* em nossos dias.

Um passeio mais alargado para fora do nacional para compor esta foto, nos leva a nos perguntar como a maçonaria se deu, onde ela estava, como estava, em governos que julgamos semelhantes ao defendido pelo *bolsonarismo*. De imediato devemos excluir para este efeito os governos socialistas ou vulgarmente chamado de comunistas, tais como aquele fenômeno das Repúblicas Socialistas Soviéticas, República Popular da China, República de Cuba, República Socialistas do Vietnã, República Popular “Democrática” da Coreia, que são ou foram regimes de outro corte sociológico.

Para compor a foto devemos nos ater em regimes semelhantes ao ideológico do *bolsonarismo*. E nesta semelhança, factível de ser rastreada nos discursos do próprio Bolsonaro além dos seus seguidores pelas redes sociais, podemos fazer avançar que existem alguns modelos sócio-políticos na Europa que nos permite verificar semelhanças. Exercício que se dá em função da nossa estreita relação histórica com o velho continente.

Em tela, da Itália de Mussolini ou ao *Nationalsozialismus* na Alemanha, serão nosso primeiro recorte para uma comparação ou aproximação. Sendo estratégia para se perguntar até que ponto o *bolsonarismo* pode ser considerado um estágio inicial destes modelos. Haveria traços de identidade, ainda que dispersos e em formação de uma coesão, de um fenômeno político brasileiro semelhante com estes outros fatos históricos? Seja nas “*motociatas*” de Bolsonaro, difícil não comparar com as “*Moto Processione*” de Mussolini, seja na ideia de “cidadão de bem”, como um “*deutscher geist*” dos trópicos, perpassado pela exaltação do homem branco, “*imbrochavel*”, um tipo de homem *hétero*, capaz de múltiplas performances, aproximando da mítica do masculino cultivado amplamente nas *SS-Oberführer*, entre os *Wehrmachtsoffiziere* ou das forças paramilitares *Schutzstaffel-SS*. Aliás, há ao menos duas sinistra coincidência entre duas figuras públicas do bolsonarismo. A semelhança da farde de Gala do Coronel Mauro Cid, na cor cinza e gravata borboleta, com uma das fardas dos Oficiais da *SS-Oberführer*, também na mesma estética cinza e adereços nas mesmas cores. Pelo que para nós leigos, resta-nos apenas a hipóteses de uma influência alemã sobre a cultura da caserna, como a francesa também o faz. Noutra parte, na esfera de polícia, o conhecido Diretor da Polícia Rodoviária Federal, Valdinez Vasquez, ostentava um uniforme em cor preta com gola a cobrir o pescoço e um dado corte de cabelo, que também nos faz lembrar da estética geral do visual pessoal e do uniforme da *SS-Oberführer*. Esta semelhança precisa ser vista com cautela e sob um método de apreciação técnico, para não se fazer juízos apressados e equivocados. A título de exemplo, o Exército do Chile inspira-se na sua totalidade numa tradição que remonta a Prússia e, portanto, teremos referências explícitas e diretas nas fardas militares que também

eram utilizadas pelos Exércitos Alemães pós-unificação (1871), como no tipo da marcha militar prussiana. Estas semelhanças não podem ser indícios por si de comportamento político de uma Força Militar, ainda que sob a “era” Pinochet (um maçom, que traiu outro maçom Alende). Só sua inserção política poderá nos dizer como este ou aquele símbolo está sendo agenciado.

No caso do *bolsonarismo*, a aproximações estética e factual nos mostra um contorno. Ele é muito parecido com estes outros da história recente. Neste esboço, considerar o *bolsonarismo* enquanto objeto sociológico na perspectiva de ser examinado hipoteticamente como uma modelo de política autoritária, denota indícios quentes. Dado a sua semelhança como os exemplos históricos constatados na Itália e Alemanha do passado, em especial nos aspectos em que se associa um visual e uma prática política. Na esfera do político, por exemplo, ao dizer que iria “metralhar os *petralhas*”, portanto eliminar fisicamente o oponente político, podemos dizer que é a não política. Não é possível pensar em política se meu desejo é retirar o oponente do horizonte. Qualquer expediente simbólico que traga este tema na pauta é a não política. Desconsiderar o oponente, sempre apregoando que o mesmo é totalmente desqualificado, apelando para todo tipo de vilania para atribuir ao oponente, seriam expedientes preparatórios para eliminar fisicamente. Esta prática que hoje vemos no *bolsonarismo* e nos círculos majoritários maçônicos brasileiro foram amplamente adotadas nos dois modelos que destacamos. Restaria uma pesquisa em detalhe, numa comparação de jornais de época, para verificar se podemos fazer avançar esta hipótese de semelhança e que o *bolsonarismo* é um pré-facismo ou pré-nazismo.

Não se pode terminar esta fase de composição de uma foto panorâmica sem dois elementos. Como a maçonaria foi tratada nos governos de Francisco Franco na Espanha (1939 – 1975) e por António de Oliveira Salazar em Portugal (1932-1968), pois em linhas rápidas veremos que estes dois modelos também são semelhantes ao ideal *bolsonarista* de vida, autoritários. Ademais, estes dois modelos de governos ditatoriais têm algumas particularidades a mais no que toca a Maçonaria. Além de terem ligações mais diretas com a América Latina, a perseguição contra a Maçonaria tem uma história anterior aos dois governos ditatoriais citados. Nos períodos monárquicos anteriores, sobretudo na Espanha dos Jesuítas, temos uma história com vínculos muito direto à maçonaria brasileira e a da América Latina.

Franco concentrou em si os poderes executivos, legislativos e judiciais. Reprimiu de modo severo qualquer forma de pluralidade política, perseguindo, prendendo, torturando e executando milhares de cidadãos espanhóis. Ademais, promoveu a si mesmo ou um culto à sua personalidade, pelo que qualquer outro indivíduo da sua “*entourage*” que aparece mais que ele,

seria logo descartado. Pelo que podemos nos perguntar se o mesmo acontecia com Bolsonaro. A exemplo do seu boicote à Michele Bolsonaro como protagonista política, e como todos os que embarcaram no início do “seu governo” e foram deixados pelo caminho.

Em Portugal de Salazar, para pinçar um exemplo, foi aprovada em 1935 a Lei da Defesa do Estado, que proibia qualquer funcionário público de participar de sociedades secretas, pelo que no contexto desta Lei a própria maçonaria também foi proibida. O Estado Novo, diferente da Espanha de Franco, manteve a existência dos três poderes da República, contudo é consenso que Salazar instrumentalizou os demais poderes para levar adiante o seu governo. Utilizando sobretudo do judiciário para perseguir quem lhe opusesse. Nos dois exemplos, *bolsonarismo* tem estreita semelhança e que enseja pesquisas aprofundadas para ver se estes indícios realmente são lastreados na mesma lógica. Fato que resultaria em saldo negativo para a Maçonaria que existisse em governos semelhantes.

E a maçonaria em governos autoritários?

Posto que há semelhança entre certos governos históricos e o *bolsonarismo*, resta nos perguntar como a maçonaria foi tratada naqueles modelos do passado histórico. Pelo que se não conseguimos adiantar o tempo, para ter a certeza de como a Maçonaria seria tratada num governo *bolsonarista*, que pode ser de Bolsonaro ou de alguém adepto ao *bolsonarismo*. De certo modo podemos adiantar que a Maçonaria foi perseguida em todos eles, incluindo a monarquia do Brasil. Porém, há uma exceção, como veremos adiante.

Para compreender como a maçonaria se comportaria no cenário de uma ideologia política como a do *bolsonarismo*, precisamos compor uma fotografia do que estamos considerando como maçonaria. Este exercício tem dois desafios de delimitação. Primeiro a ideia popular sobre maçonaria. A segunda, uma definição da maçonaria sob a ótica das ciências sociais e humanas.

A ideia popular sobre a natureza da maçonaria, que é repercutida até certo ponto pela grande maioria dos próprios maçons, constitui num tema o qual não dá para esquivar-se. Se desejamos nos perguntar da relação da maçonaria com o *bolsonarismo*, isto constitui tema estruturante. Ainda que contraditório, como pudemos verificar em “Antimaçonaria e Anticlericalismo” ([FERRER BENIMELI, 2023](#)), é assustador a adesão dos maçons do Brasil de hoje a uma dada corrente política, a de extrema-direita, que até os anos 1970 proibia a

Maçonaria em Espanha e Portugal, para ficarmos em dois exemplos próximos. O maçom que adere a tal ideologia parece desconhecer ou não ver contradição nestes fatos históricos.

A este propósito, é comum o fato de estar diante um interlocutor curioso, um profano - como os adeptos gostam de dizer-, e para responder a ele o que é a maçonaria recorrer que se trata de uma “Filosofia de Vida” (CMSB). Tal ideia parece nada dizer, a pessoa fica com “cara de paisagem”, para na sequência volta a exprimir uma série de preconceitos, que vão de algo jocoso à intolerância filosófica/religiosa. Selecionar sobre qual maçonaria desejamos verificar sua relação com o *bolsonarismo* deve investigar e superar este atoleiro do senso comum.

O segundo desafio de dizer sobre a maçonaria está na própria maçonaria. Como podemos verificar na edição de janeiro de 2023 da Revista de *Estudios Históricos de la Masonería Latinoamericana y Caribeña* ([*Vol. 15 Núm. 1 \(2023\)*](#)), a antimaçonaria em certa medida é alimentada pela própria maçonaria ou pelos maçons. A escassez de estudos sistemáticos, bem como a falta total de estruturas de promoção de pesquisa promovido pela própria Maçonaria ou ligada a alguma Universidade brasileira, gera o paradoxo em que um coletivo social, muito bem estruturado em termos jurídicos e de sociabilidade, estrutura-se a partir do cultivo de filosofia e do conhecimento elaborado em geral, mas sempre dando uma abordagem amadora à prática. Neste cenário de escassez de um aporte profissional nos seus temas estruturantes (Filosofia de Vida), não será estranho a Maçonaria ser também a fonte das informações que geram a apreciação negativa dela própria na sociedade. Além de ser uma caixa de ressonância de todo tipo pseudociências e filosofias.

Só muito recente, considero as duas décadas do século XXI, este esforço mais técnico e profissional tem surgido entre nós brasileiros. Temos os seguintes projetos feitos por adeptos/maçons e acadêmicos. A Revista *Maçonaria & Ciência*, coordenada pelo Prof. Me. Kenny Mahmud Soares Oliveira Ismail, que tem seu primeiro número em 2013 ([*v. 1, n. 1 \(2013\): C&M*](#)). Os cursos de pós-graduação em Filosofia e Fundamentação Maçônica promovido em parceria com variadas Faculdades e coordenada pelo Prof. Dr. Medson Janer da Silva. Com edições nos Estados de Rondônia (2007), Mato Grosso, Rio Grande do Sul e Bahia. Outro fato nesta esteira tem sido os trabalhos do Prof. Dr. Willian Almeida de Carvalho, que nos deixa saber sobre o uso do termo sociabilidade como uma definição do fenômeno Maçonaria. Sendo que ideia/conceito foi apresentado pelo historiador francês *Maurice Agullhon* no livro *Pénitents et Francs-Maçons de l’Ancienne Provence* de 1966. Chave de leitura do fenômeno maçonaria que mais tem se mostrado profícuo para as pesquisas de um ponto de vistas das Humanidades. A considerar ainda o trabalho do Prof. Dr. Alexandre Mansur

Barata, “Maçonaria, Sociabilidade Ilustrada e Independência do Brasil” como referência acadêmica a indicar a Maçonaria como uma “sociabilidade ilustrada”. Este recorte é sobre a abordagem profissional dos temas maçônicos. A existência de variados tipos de folhetins e revistas, tem outra história e constitui uma importante fonte de literatura de adeptos para fins de pesquisa acadêmica. Estes instrumentos de difusão, existentes entre nós brasileiros desde o século XIX, no geral consistirá como reflexo público das ideias correntes entre os adeptos em suas práticas maçônicas, que no geral consiste neste exercício de construção de ideias sobre o real.

Para selecionar de modo adequado acerca de qual maçonaria estamos falando, é preciso lembrar que é a do Brasil. E aqui, estamos a falar de três grupos que tenho denominado de históricos, pelo simples fato de serem fenômenos existentes a um certo tempo histórico. Duração no tempo que nos parece ser um comprovante de uma dinâmica para além de possíveis personalismos, em que uma dinâmica propriamente institucional ganha vida. Essa ideia categoria é precária, pois não estaria inicialmente nela a Maçonaria Mista, que conta entre nós com duas manifestações e que também são históricas neste sentido, e que será objeto de outra resenha.

O recorte é por uma maçonaria que numericamente é maior e que tem uma duração temporal mais alargada. Deste modo, não utilizaremos aqui o debate interno sobre o que é a maçonaria, que no geral procura criar uma genealogia mítico/histórica da sua ligação com a Maçonaria a partir de Londres/Reino Unido. Esta Maçonaria se organiza em três grupos, que articulam nacionalmente em torno dos seguintes fóruns: Conferência da Maçonaria Simbólica do Brasil – CMSB, Confederação Maçônica do Brasil – COMAB e Grande Oriente do Brasil – GOB. Sendo que os dois primeiros derivam do GOB e se estruturam organizacionalmente nos Estados, sem a pretensão de reproduzir estruturalmente como modelo organizacional o sistema Federal do Brasil, que é o caso do GOB.

Será a partir deste recorte que podemos lançar outras questões. Porém, já conseguimos indicar o que estamos tomando por maçonaria. Além de ser os três grupos delimitados, trata-se de um fenômeno social de sociabilidade baseada em Filosofia de Vida, especialmente fundamentada no Iluminismo e na Filosofia Natural. Até que ponto esta maçonaria, que se vincula historicamente a outros grupos maçônicos, foi tratada nos governos ditatoriais mais recentes? No caso da ditadura civil-militar brasileira foi de profunda sinergia. Casos de discordâncias se existem, são postos à margem. Dado a sintonia ideológica deste momento histórico, a Maçonaria brasileira passou emular as ideias de democracia e maçonaria Anglo-

estadunidense e passou a ser caixa de ressonância desta nova hegemonia geopolítica emergente. Portanto, se hoje estes três grupos maçônicos se mostram em sintonia com o *bolsonarismo*, a linha histórica a ser apreciada é desta relação, que já era familiar.

O tema é complexo e deve ainda ser analisado em detalhes, sobretudo para compreender como uma certa influência francesa cedeu lugar à norte-americana. Como aquela elite paulista que fez da USP um “*départaments d’outre-mer*”, (E que levou Sartre a Araraquara) sucumbiu por completo a moda estadunidense, sendo os maçons partes deste movimento contextual. Sendo as reformas do Ensino Universitário de 1968 um ícone desta mudança de senhorio colonial.

Pouco é explorando sobre o tema das influências imperialistas de britânicos (Reino Unido) e franceses (França) na formação do fenômeno maçonaria. Na atualidade, considerando os parâmetros estabelecido pelos três grupos aqui em causa, o modelo a partir de Londres é o dominante. Mesmo falando em liberdade ou livre pensamento, há um vínculo ferrenho à *United Grand Lodge of England – UGLE*. Algo como das igrejas Católicas particulares com o Estado do Vaticano e a Sé (Sede) da ICAR.

Esta maçonaria brasileira, parceira ideológica da ditadura, não conseguiu pensar estruturalmente o que ocorria em Espanha e Portugal no mesmo período em que compartilhava as mesmas ideias, pessoal e lugares com a ditadura nacional brasileira. Tenho remetido para melhores detalhes desta história de perseguição da Maçonaria e de Maçons em Espanha, o [*“Museo Virtual de Historia de La Masonería”*](#). De resto, o fenômeno social da participação da maçonaria na ditadura civil-militar entre os anos 1964-1985 conta com escassos trabalhos acadêmicos. Apesar de serem poucos os trabalhos sobre maçonaria na Academia, estes tendem a ocupar do período da fundação da República do Brasil.

Esta maçonaria que não conseguia fazer nexos com aqueles contextos de Espanha e ainda ter compartilhado da ideologia que sustentava a ditadura civil-militar do Brasil recente, não vê problema em participar do *bolsonarismo*. Alias, é uma continuação daquela ideologia. O que esta vaga ideologia não pensa em nossos dias é que há o fator de um novo tipo de religiosidade cristã envolvida no *bolsonarismo*. Denominada de modo popular de os “Evangélicos”.

A novidade da vaga ideologia do *bolsonarismo*, que larga pelo caminho qualquer um dos seus adeptos, e o faz ser uma variação ideológica da ditadura de 1964/85, é que estes evangélicos além de serem estratégicos pela quantidade que são, relacionam a maçonaria e o maçom ao diabo e uma vasta lista de adjetivos negativos. E nisto os maçons não tem prestado

atenção. Este é o ponto ausente no período da ditadura de 1964-85, em que ressoavam na mesma chave amplos setores das Igrejas Protestantes (Cristianismo), ICAR e a Maçonaria. Estavam em termos institucionais todos no mesmo barco, mesmo que em dado momento alguns foram pulando fora. De partida, o *bolsonarismo* é fortemente vincado na vaga dos “evangélicos”, que no geral vê na maçonaria o diabo e tudo de ruim possível. Pelo que o fato de Bolsonaro ter figurado em fotos e vídeos em evento político numa Loja Maçônica deixou a vaga evangélica enfurecida, sendo necessário ao “Dulce” do Vale do Ribeira (Bolsonaro) elaborar explicações. Porém, não resta dúvidas que seria menos custoso largar a Maçonaria pelo caminho, para jubilar com sua turba de seguidores e discursos inflamados de Damares Alves ou de Magno Malta.

Pelo que se retomarmos o fascismo e o nazismo como os modelos de governos ditatoriais postos em tela, esta vaga de *bolsonarismo* aproxima-se muito mais destes do que as ideologias dos anos 60-80, que se explicava no contexto da industrialização pós-guerra e numa luta geopolítica do capitalismo e seu outro, o comunismo.

São temas que ensejam mais pesquisas, justamente para não se fazer acusações valorativas e estereotipadas, fazendo coro justamente a pseudociência a que se deseja diferenciar. E no contexto de uma abordagem crítica de um fenômeno social como a maçonaria, a pesquisa precisa ter o cuidado de não ser um valor que se procura comprovar, mas de uma prática profissional que procura fornecer elementos manifestos de um fenômeno. Este exame pode ser de vários modos, mas especialmente no exame cuidadoso para recolher como a Maçonaria estabeleceu suas interação com outros fenômenos de seu contexto mais imediato. A hipótese em aberto e por verificar, é se a participação desta maçonaria no *bolsonarismo* não seria uma extensão da comunhão da ideologia que suportava a ditadura civil-militar. A perspectiva terá que olhar os aspectos exteriores, quando, onde e como a maçonaria aparece junto a este período de governo ditatorial. Como a Maçonaria superou a investida autoritária do Imperador Dom Pedro e como ela se tornou aliada das vagas autoritárias no Brasil, deve indícios a serem investigado, ao estilo que nos propõe o erudito psicanalista Garcia-Roza, sobre como devemos investigar o psiquismo.

Será deste contexto imediato da Maçonaria brasileira a chave de investigação para compreender a relação dela com os governos ditatoriais locais. Esta relação estável poderá ser verifica não só na ditadura mais recente (1964/85), o exame poderá percorrer desde a fundação da República do Brasil e o início do século XIX, que será rapidamente verificável a sua proximidade com o poder de traços autoritários. E deste modo chegarmos ao atual cenário em que nada mais esperado a sua presença na fotografia do *bolsonarismo*, que lhes parecem ser

apenas mais uma faceta do mesmo parceiro histórico. Ideais e hipóteses ainda por serem investigados sobre o fenômeno Maçonaria. O único elemento misterioso da fotografia é uma sombra misteriosa que ninguém havia visto. Dos vários retratos da Maçonaria ao longo da nossa história política ditatorial, em que ela aparece sorridente e ombreada aos demais parceiros, nesta última foto, a do *bolsonarismo*, há uma sombra misteriosa. Como nos filmes de terror, só depois que o monstro ataca e começam a fazer os primeiros estragos é que todos olham novamente a fotografia. E para espanto, notam que uma sombra a fundo revelaria a presença do monstruoso desde o início da trama. Esta sombra que se alojou junto do *bolsonarismo* é o que alguns pesquisadores têm chamado de “*narco-político-evangelismo*”. Outro fenômeno complexo e muito deletério para a imagem de milhares de pessoas que professam a sua fé cristã evangélica. Porém, esta é a sombra da fotografia a qual os Maçons ainda não observaram. Isto a “globo” não mostrou, e os Maçons não perceberam a cidade em que estão atolando, igual areia movediça.

Como citar:

ALMEIDA, C.L. Bolsonaro fecharia a Maçonaria: porquê maçons são *bolsonaristas*? São Paulo: AMF3 Escola de Filosofia. 2023. Disponível em: <https://amf3.com.br/bolsonaro-fecharia-a-maconaria> . Acesso em (dd/mm/aaaa)